

O inconsciente e a atualidade da filosofia em Sigmund Freud e Theodor Adorno

[The unconscious and the actuality of philosophy in Sigmund Freud and Theodor Adorno]

Reginaldo Oliveira SILVA

Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, Mestrado em Filosofia e Doutorado em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba. Atua nos cursos de Graduação em Filosofia e Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: rgnaldo@uol.com.br

Resumo

Com a descoberta do Inconsciente, Sigmund Freud chama a atenção para os eventos antes ignorados pela atividade científica ou filosófica. Uma maneira de desbravar aspectos do psíquico, mas também o resgate para o pensamento da dignidade epistemológica dos micro-eventos, o que amplia o alcance da psicanálise. A reflexão aqui apresentada é um esforço de aproximar a concepção de que a psicanálise se ocupa da "escória do mundo dos fenômenos" e a micrologia, defendida por Theodor Adorno como lugar da filosofia no instante da sua queda.

Palavras-chave

Freud; Adorno; Inconsciente; Micrologia; Escória dos fenômenos.

Abstract

With the discovery of the Unconscious, Sigmund Freud draws attention to events previously ignored by scientific or philosophical activity. A way to explore aspects of the psychic, but also the rescue for the thinking of the epistemological dignity of micro-events, which expands the scope of psychoanalysis. The reflection presented here is an effort to approximate the conception that psychoanalysis deals with the "scum of the world of phenomena" and micrology, defended by Theodor Adorno as a place of philosophy at the moment of its fall.

Keywords

Freud; Adorno; Unconscious; Micrology; Scum of phenomena.





1. Introdução

A psicanálise nasce com o inconsciente e dele retira toda a sua legitimidade, seja esta científica ou terapêutica. Mas não se esgotam aí as potencialidades do conceito, uma vez que ele pode ser lido tanto quanto ao período que precede o engenho de Freud¹ como quanto ao que vem a revolucionar na percepção do mundo². A ele pode ser atribuída uma nova maneira de pensar, para além da sua origem inicialmente na clínica, que pode ser de interesse para a filosofia no momento da sua queda. Ou seja, trata-se, aqui, de indagar em que sentido a maneira como Freud desenvolve um método de investigação do inconsciente permitiria pensar a atualidade da filosofia, nos termos propostos por Theodor Adorno (1991).

¹ Sobre o uso do conceito antes de Freud, *As origens do inconsciente: de Schelling a Freud*, de Matt Ffytche (2014), desenvolve um excelente percurso, o qual aborda como a filosofia alemã teria empregado inicialmente o “inconsciente” para designar uma maneira de representar uma realidade a qual estaria distante da consciência. Ainda neste sentido, conferir o artigo “Origem e deslocamentos do inconsciente em Sigmund Freud”: “Apesar da ideia de inconsciente se popularizar com o advento da psicanálise, a palavra ‘inconsciente’ circulou por uma variedade de contextos discursivos até chegar à concepção freudiana do termo. De acordo com Ffytche, o entendimento do que seria o inconsciente ampliou-se através de articulações e correlações que caminhavam entre a filosofia, psicologia, psiquiatria, literatura, história da natureza e metafísica do século XIX, despontando no saber psicanalítico” (SILVA; LUCENA, 2019, p. 74).

² Omar Perez (2017) situa a descoberta freudiana na esteira das revoluções do pensamento ocorridas do século XVI ao XIX, a saber, às duas causalidades aí descobertas, o autor introduz a da psicanálise. Primeiro, com Copérnico, Galileu e Newton, na passagem do medieval para a modernidade, surge a concepção de que tudo que se passa na natureza possui uma *causalidade natural*, a qual explica tudo o que ocorre dentro e fora do sujeito. A esta causalidade, ele interpõe outra, originada na filosofia de Kant. Neste, em sua *Crítica da razão prática*, encontra fundamento a segunda causalidade, a *causalidade livre*, a qual estaria associada à vontade (PEREZ, 2017, p. 25-27). E aqui se introduz a descoberta freudiana, a saber, a de que além da causa física e da causa consciente, e em virtude de pensamentos ou estados de ânimo aos quais o sujeito não pode determinar a fonte ou a causa, Freud teria apresentado a *causalidade inconsciente*, sob o pressuposto de que “o comportamento não só estaria determinado por sua natureza biológica, como pode mostrar a medicina, ou por sua consciência, como expõe a razão prática, mas também pelo *inconsciente*” (PEREZ, 2017, p. 27). A existência de fenômenos cujas causas devem ser buscadas noutro lugar, nem na biologia nem na vontade consciente, por outro lado, insere Freud na história das feridas narcísicas do ser humano, estas também desenvolvidas do século XVIII, conforme o psicanalista desenvolve no ensaio “Uma dificuldade para a psicanálise”, de 1917. A primeira ilusão é a *cosmológica*, a ideia de que a Terra ocupa imóvel o centro do universo, e em torno dela giram os demais astros e planetas. Para o ser humano, tal concepção leva a crer que ele é o dono mundo, um privilegiado, verdade propagada até o séc. XVI, quando Copérnico rompe com a crença e afirma que, antes, é o sol o centro do universo (FREUD, 2010, p. 245; PEREZ, 2017, p. 31). A segunda é a *biológica*, abalada pelas pesquisas de Darwin, a quem coube denunciar, no séc. XIX, que o homem, devido a sua origem animal, não é nem melhor nem diferente das outras espécies habitantes da Terra. Nas palavras de Perez (2017, p. 31), Darwin teria “descentrado o homem da criação”, o que na compreensão de Freud significava mostrar “como essa teoria não seria uma simples explicação das mutações, mas um risco para a nossa já abalada imagem narcísica” (PEREZ, 2017, p. 33). Por fim, a terceira humilhação, a ilusão psicológica, em que, no dizer de Freud (2010, p. 247), determinadas doenças, pensamentos cuja origem não se consegue identificar e impulsos que parecem vir de outra pessoa seriam hóspedes estranhos que sacodem a confiança do Eu e da consciência, de tal modo que o “*eu não é senhor em sua própria casa*”. Ainda com Perez (2017, p. 33), a partir de Freud, “o homem descobre que não era dono das suas próprias ações, pois mecanismos inconsciente governam a determinação de seus atos e decisões”. Com a concepção de “aparelho psíquico”, descobriu-se “algo que funcionava sem o consentimento do próprio homem, determinando-o na série de processos mentais” (PEREZ, 2017, p. 33).

Sobre o interesse da filosofia pela psicanálise, para a presente articulação, parte-se da noção de três frentes de investigação e abertura, das quais uma foi indicada por Freud³ e outra pela Escola de Frankfurt⁴. A terceira, aqui proposta como hipótese, logo, como orientação da reflexão empreendida, busca amaparar-se, por um lado, no que Lacan chamou, no Seminário 5, de “formações do inconsciente”⁵, por não apenas sustentar-se na existência de algo fora da consciência, sobretudo porque traz consigo uma mobilidade que estaria na origem da formação do que Freud nomeou “escória dos fenômenos”⁶. Por outro, tem em conta a proposta de Theodor Adorno da micrologia como resposta à pergunta pela atualidade da filosofia, a qual se aproxima do interesse da psicanálise pela “escória do mundo dos fenômenos”.

Nas *Conferências introdutórias à psicanálise*, Freud (2014, p. 33-34) diz que a psicanálise se ocupa de ninharias, daqueles “eventos modestos, descartados pelas ciências como demasiado insignificantes”, ou seja, completa ele, em seguida, com o “refugo do mundo dos fenômenos” (FREUD, 2014, p. 34). Nos seus primeiros escritos, o filósofo

³ No ensaio intitulado “O interesse da psicanálise”, de 1913, diz Freud ser o inconsciente um golpe contra a crença na superioridade da consciência, a qual foi edificada desde Descartes como o lugar privilegiado do conhecimento, seja em relação às causas externas seja em relação às internas. A premissa inicial que justificaria tal interesse consiste em que o inconsciente é mais abrangente que a consciência (FREUD, 2012, p. 337), daí poderia a filosofia, caso concorde com a psicanálise, “modificar as suas hipóteses sobre a relação entre o físico e o psíquico, para que correspondam ao novo conhecimento” (FREUD, 2012, p. 346). Acrescenta ele, ainda, a possibilidade de, com a psicanálise tomando por objeto a filosofia, descobrir as motivações subjetiva e individual das teorias filosóficas, o que permitiria aos críticos identificar os pontos fracos do sistema.

⁴ Para os pensadores da Escola de Frankfurt o Freud pensador da cultura teve grande importância, em especial o debate sobre a civilização. Aqui, estava em questão uma aproximação entre Freud e Marx pela via de uma leitura crítica da psicanálise por parte dos marxistas, sendo o contrário também possível. Apostou-se na possibilidade de com Freud tornar mais inteligíveis os meandros das relações estabelecidas pelo domínio da mercadoria e as transformações sociais da sociedade burguesa desenvolvida.

⁵ Por formações do inconsciente, Lacan se refere aos textos *A interpretação dos sonhos*, de 1900, *A psicopatologia da vida cotidiana*, de 1901, e *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, de 1905, nos quais Freud explora o universo de produções as quais revelam ou dão a ele suporte conceitual para sustentar a hipótese do inconsciente. A este grupo de textos, Roudinesco (2016, p. 127) chamou de “trilogia da maturidade” e Quinet (2000, p. 24) de “trilogia do significativo”, a saber, no dizer de Lacan (1996, p. 253), aos livros “canônicos em matéria de inconsciente”.

⁶ Nesta linha, a psicanálise seria de interesse para a filosofia não apenas porque a descoberta do inconsciente promove a derrocada da ilusão narcísica da consciência ou porque as teorias marxistas poderiam encontrar nas vicissitudes psíquicas descobertas pela “nova ciência” contribuições para uma melhor compreensão da civilização sob o domínio do capitalismo. Para além ou aquém de, quando a filosofia se vê em crise ante as formas consideradas mais maduras de pensamento introduzidas pela verdade científica, ela tem de abandonar a pretensão à totalidade e rever a sua relação com o âmbito por ela rejeitado dos fenômenos. Uma atenção que a alertou já no século XVIII e que, por motivos outros, a conduziu para a Estética filosófica. No entanto, aí, o que por ela será considerado como de importância para si não constitui todo o vasto âmbito dos fenômenos, e sim, destes, aqueles que mais se aproximariam dos propósitos metafísicos, a saber, a arte ou o belo.



alemão, ao examinar o método psicanalítico de investigação do inconsciente, diz ser essa “escória” composta pelos atos falhos, os sonhos e as neuroses, aos quais se pode acrescentar o chiste ou o dito espirituoso (ADORNO, 2018a, p. 317). Noutro lugar, em “A atualidade da filosofia”, evoca novamente esses micro-eventos, a fim de responder à pergunta pelo “futuro da filosofia”, depois que perdeu credibilidade a ambição de abarcar a totalidade do real. Vê-se aí, de que maneira convergem tanto a psicanálise quanto a filosofia numa época que repensa a experiência filosófica.

Em face de tal proposta, de que a filosofia busque nos eventos insignificantes o lugar da sua tarefa, haveria uma limitação, pois não é possível observar os pequenos acontecimentos com a lupa da metafísica. Ao ter de abandonar a pretensão à totalidade, refugiar-se no que antes havia sido relegado à simples desordem, implicaria necessariamente em enveredar por um terreno por ela desconhecido. Por outro lado, se para a filosofia, assim como para a ciência, as ninharias dos fenômenos são de nenhum interesse, a descoberta do inconsciente não apenas destrona a consciência, mas também revela o sentido do que até então havia sido considerado como sem sentido. Com Freud e o inconsciente, descobre-se uma maneira de desvendar a verdade e o sentido dos pequenos acontecimentos da ordem dos fenômenos. É por essa via que aqui se coloca a pergunta pelo interesse da filosofia nas formações do inconsciente, e destas indagar como a filosofia poderia, nesta empreitada, servir-se da psicanálise, a fim aí encontrar uma maneira de se aproximar do micrológico, para onde, acredita Adorno, deve dirigir-se a pergunta pela atualidade da filosofia.



2. O interesse da filosofia pela micrologia

Sabe-se que a partir do século XVIII a filosofia, e o que até então a denominou, a saber, a metafísica, vê-se diante de críticas as quais desafiam a manutenção do seu discurso. Sem que neste momento se pretenda fazer o inventário das críticas à metafísica e as filosofia daí derivadas – um percurso ainda não esgotado, mas que tem seu ponto de partida mais radical no séc. XIX, com a pergunta de Ludwig Feuerbach pela filosofia do futuro –, o importante aqui reside em “desacreditar” (Kant, na primeira crítica, diria ser indiferente a) toda a pretensão da filosofia de abarcar a totalidade, de incluir entre os conhecimentos possíveis do mundo o Todo, não importa o nome que a este tenha sido dado. Além de ambicionar a totalidade e fundar um conhecimento universal e sólido,

contraposto às contingências do particular, a filosofia desdenha dos fenômenos, colocados sob suspeição.

O século XX, de forma mais madura e com menos espanto, herda do século XIX a tarefa de encarar o destino da metafísica e a tarefa de fundar, nas palavras de Adorno (2009), uma “filosofia transformada”. Como os seus antecessores, o filósofo oscila entre a compreensão do problema a enfrentar e o que deste pode acenar para repensar a filosofia, um movimento entre “filosofia antiga” e “filosofia do futuro”, para usar os termos de Ludwig Feuerbach (1843). Trata-se de ainda defender a filosofia, sob a compreensão de que o que teria chegado ao fim é, sobretudo, a filosofia como metafísica – hipótese também defendida por Martin Heidegger (1979). A transformação de que aí se trata, assim o entenderá Walter Benjamin (2011), assenta no abandono da perspectiva do Todo e das filosofias ao todo correspondentes, o qual sugere a adesão ao micrológico. “A relação entre a elaboração micrológica e a escala do todo”, dirá Benjamin (2011, p. 17) em *A origem do drama trágico alemão* de 1925, “demonstra que o conteúdo de verdade se deixa apreender apenas através da mais exata descida ao nível dos pormenores de um conteúdo material”.

Em Theodor Adorno, há dois momentos em que ele traz o problema da micrologia como lugar da filosofia “no instante de sua queda” (ADORNO, 2009, p. 337). Nos seus primeiros escritos, mais precisamente em “A atualidade da filosofia”, palestra proferida em 1931 na Universidade de Frankfurt, e na tardia *Dialética negativa*, abrangendo os dois extremos da sua produção intelectual. Sem uma consideração rigorosa quanto a esta cronologia, a começar pelo último, vê-se o enfrentamento que levará Adorno da crítica da filosofia do Todo à micrologia, de início, projeto de uma dialética negativa, “subversão da tradição” ou de libertação da dialética da sua natureza afirmativa (ADORNO, 2009, p. 7). Como proposta de um antissistema, o esforço “por colocar no lugar do princípio de unidade e do domínio totalitário do conceito [...] aquilo que estaria fora do encontro de tal unidade” (ADORNO, 2009, p. 8).

Tem-se aí a tarefa de reedificação pela qual batalha a filosofia desde o século XIX, com as diferentes indicações do seu futuro. Como lá, Adorno está diante do fracasso da filosofia, que a levou a “criticar a si mesma sem piedade” (ADORNO, 2009, p. 11), desta vez, tendo em conta não apenas a sociedade e o conhecimento positivo da natureza, mas também o mundo administrado, o qual não mais se distingue da ideia de sistema filosófico. Também faz parte do horizonte desta problemática “a regressão da filosofia a uma ciência particular” (ADORNO, 2009, p. 12). Neste sentido, Adorno procede com a crítica da



estrutura condizente com a filosofia e investe, conseqüentemente, no lugar que a dialética negativa teria a ocupar em face do vazio ali deixado.

Na recusa do sistema, encontra ele o lugar do não-sistemático; na formação dos conceitos, o não-conceitual como momento decisivo. Necessário à formação do conceito, o não-conceitual, antes prescindido, aparece como apelo de salvação da filosofia, numa inversão operada pela dialética negativa, um voltar-se para o não-idêntico. No dizer do filósofo: “a filosofia quer mergulhar mais literalmente no que é heterogêneo, sem o reduzir a categorias pré-fabricadas” (ADORNO, 2009, p. 19). O abandono da ilusão do todo sugere a busca do conteúdo da filosofia na multiplicidade, sendo a micrologia o “lugar da metafísica como refúgio diante daquilo que é total” (ADORNO, 2009, p. 337). Destaca-se, aqui, a importância do intramundano para o absoluto, em que a “visão micrológica descobre aquilo que [...] permanece desesperadamente isolado, e explode a sua identidade, a ilusão de que seria um mero exemplar” (ADORNO, 2009, p. 337).

Se no tardio *Dialética negativa*, a micrologia aparece como lugar de uma dialética que prima pelo negativo, o qual resistiria à tendência da filosofia à afirmação; se nesta elaboração mais acabada do destino da filosofia ante a derrocada da ilusão metafísica, parece não haver lugar para um diálogo entre psicanálise e filosofia, pelo menos, não de forma explicitada, será nos primeiros escritos que esta relação vem melhor indicada e, conseqüentemente, um elo possível entre a filosofia e a psicanálise, entre a micrologia e a escória dos fenômenos.

“A atualidade da filosofia” começa por apontar a recusa de, pelo pensamento e pela Razão, apreender a totalidade do real, e que “a filosofia que a tal se dedica hoje não serve para outra coisa senão para velar a realidade e eternizar sua situação atual (ADORNO, 1991, p. 73). Isto porque a “adequação do pensamento ao Ser como totalidade”, nas palavras de Adorno (1991, p. 74), “se desintegrou e com isto tornou-se impossível a questão da ideia do existente imóvel em sua clara transparência sobre uma realidade fechada e redonda, e que talvez tenha desvanecido para sempre aos olhos humanos”. E sentencia: “a ideia do Ser tornou-se impotente na filosofia, tornou-se um vazio princípio formal” (ADORNO, 1991, p. 74). A evidência de tal ponto de chegada se estabelece como crise do idealismo, uma vez que nele se encontra o último momento da filosofia da totalidade.

Em que pese o inventário da filosofia mais recente, que serve a Adorno apenas para indicar o prolongamento da crise do idealismo, o que interessa é a solução que ele irá indicar, a qual remete ao que nos escritos de Freud se caracteriza como “escória do mundo



dos fenômenos” e, posteriormente, à micrologia. Como parece ser a dinâmica das filosofias que enfrentam ou enfrentaram o fim da metafísica, aqui também o diagnóstico do fim serve de caminho para a proposta a ser indicada. Presente, ainda, como em *Dialética negativa*, a recusa em aceitar para a filosofia o posto de propedêutica das ciências particulares (ADORNO, 1991, p. 85), mas também, como em *Dialética do esclarecimento*, a oposição decidida à possibilidade de o espaço higiênico das fábricas ocupar o lugar da metafísica (ADORNO, 1985, p. 15).

O argumento segue a relação da filosofia com as ciências particulares, que, ao invés de significar a sua dissolução, aponte um caminho a trilhar, oportunidade para conferir aos problemas filosóficos alguma plenitude material e concreta. Como ambas partem do mesmo material, os fenômenos, a diferença entre elas residiria no modo como em face desses se portam, pois, enquanto as ciências investigam, a filosofia interpreta. No dizer de Adorno (1991, p. 87): “as ciências particulares aceitam as descobertas [...] como algo interiormente insolúvel [e] a filosofia concebe a primeira descoberta como um signo que está obrigada a decifrar”.

É aqui que se inicia o desenvolvimento de uma concepção de filosofia interpretativa, que mais e mais se aproxime do concreto, cujo modelo acredita ele encontrar na sociologia, a fim de “construir alguma chave que faça abrir-se de golpe à realidade” (ADORNO, 1991, p. 97), como “exigência de dar conta em todo momento das questões da realidade em que tropeça” (ADORNO, 1991, p. 99). O pressuposto, em consonância com certa despedida da metafísica, é que se “o espírito não é capaz de produzir ou captar a totalidade do real, mas sim de irromper no pequeno, de fazer saltar no pequeno as medidas do meramente existente” (ADORNO, 1991, p. 102), resta à filosofia tornar-se micrologia.

Seja como for, para Adorno, a emergência da filosofia como micrologia apresenta os contornos de uma experiência filosófica condizente com a elaboração do luto da metafísica. Se esta se faz com a persistência do negativo no movimento dialético, a recusa da sua supressão na afirmação; se se faz como filosofia interpretativa, à diferença da investigação das ciências particulares – nas duas perspectivas, dos primeiros escritos ou do escrito tardio, o lugar dessa “nova” filosofia é o micrológico, o meramente existente, o não-conceitual, a multiplicidade dos fenômenos, o heterogêneo. A micrologia apresenta-se, portanto, como o refúgio possível da filosofia, para retomar a expressão já indicada, no instante da sua queda.



Em face do que Adorno apresenta como aceno para a filosofia, parece razoável indagar como a psicanálise contribuiria para pensar o micrológico, a saber, se o modo como Freud pensa o inconsciente permitiria um alcance mais abrangente dos pequenos acontecimentos doravante dignos da atenção científico-filosófica. A abertura para uma iniciativa desta monta, de início, poderia ser sustentada a partir de “A atualidade da filosofia”, onde o filósofo alemão diz: “não é tarefa da filosofia investigar intenções ocultas e preexistentes da realidade, mas interpretar uma realidade carente de intenções” (ADORNO, 1991, p. 89), ou seja, uma “inflexão para a ‘escória do mundo dos fenômenos’ proclamada por Freud [mas que teria] validade para além da psicanálise” (ADORNO, 1991, p. 91), inclusive, para a filosofia. A psicanálise se colocaria ao lado das propostas de uma dialética negativa e filosofia interpretativa, e o que Freud nomeia escória do mundo dos fenômenos seria consoante com o âmbito do que Adorno diz ser a micrologia.

No entanto, ao considerar que a escória de que aí se trata são formações do inconsciente, a saber, os chistes, os sonhos, os lapsos, as neuroses – e toda a riqueza de plasticidade que podem adquirir, como se observa no dizer de Lacan (1996), nos “textos canônicos em matéria de inconsciente” –, indagar pelo modo como o psicanalista desenvolve o método de “interpretação” do sentido desses eventos, a fim de desvendar as suas “intencionalidades” latentes, permite aprofundar os ganhos para a filosofia ao aproximar a micrologia da dinâmica do aparelho psíquico, das negociações entre Inconsciente e Consciente, uma vez constituídos pela repressão (*Urverdrängung*).

Para esse fim, de Adorno, de início, interessaria a leitura que ele faz das *Conferências introdutórias de psicanálise*, de Freud, escritas em 1916 e 1917, onde desenvolve o que seria o modelo para o “conhecimento transcendental” do inconsciente, segundo o princípio, que é também o da psicanálise, de que “*tudo o que é psíquico possui um sentido*, de que todo ser psíquico se determina de forma regular pelo complexo da consciência pessoal [...] de que todos os fenômenos – toda a nossa ‘consciência’... – são fenômenos de coisas inconscientes” (ADORNO, 2018, p. 315). Considerar que os fenômenos, mesmo os mais simples ou a escória dos fenômenos, possuem sentido, sugere ainda que esse sentido não está aí, dado, como as coisas que constituem a percepção. Conseqüentemente, o estudo do inconsciente toma por base as realidades não espaciais, mas conta também com o conhecimento dessas realidades onde elas são mais puras, a exemplo dos atos falhos, as quais, embora sejam incompreensíveis em si mesmas, são dotadas de sentido (ADORNO, 2018, p. 319)



Conquanto a intenção de Adorno ser analisar um vínculo entre psicanálise e epistemologia (a cura psicanalítica suporia o conhecimento da causa do sintoma), desenvolver o método psicanalítico de apreensão do inconsciente, implicado tanto na terapia quanto na teoria, não apenas é uma tarefa da psicanálise como, acredita Adorno, permite pensar uma forma geral de abordagem dos fenômenos considerados indignos da atenção científica. Neste propósito, segue ele com a leitura das *Conferências* de Freud, a começar pelos atos falhos, por conta da estrutura mais simples, segundo diz, para depois aplicar às demais formações. Como pressuposto para a empreitada, o fato de Freud não falar de “vivências inconscientes” ou “realidades inconscientes”, uma vez que o inconsciente não está imediatamente dado. Freud fala de “processos inconscientes” e diz que estes são em si e para si, subsistem independente da percepção, “algo dado sempre e apenas mediatamente” (ADORNO, 2018, p. 331). Por fim, adverte ainda Adorno, os fatos psíquicos inconscientes possuem um sentido, mas que este é inconsciente, portanto, somente deles se pode conhecer quando analisados.

Ao tomar como exemplo inicial os atos falhos, justifica o seu propósito: o de encontrar para a variedade das suas formas um modelo único de interpretação. Primeiro, situa o ato falho ao lado do ato pretendido, ou seja, o seu sentido é ao mesmo tempo a sua causa, o qual somente é descoberto quando confrontado com o que pretendia dizer aquele que o cometeu. No mais, no ato falho, se a ação é consciente, o sentido é inconsciente. Estas duas intenções constituem a *instância perturbadora* e a *instância perturbada*, as quais correspondem, respectivamente, ao inconsciente e o consciente (ADORNO, 2018, p. 340), ambas com propósitos distintos e, pode-se dizer, conflitantes. Trata-se aqui da diferença entre o que se quer dizer e o que termina por ser dito, em que a intenção de dizer algo é atropelada por outro propósito, o qual não se sabe o que é, mas, ao mesmo tempo, determina o sentido do ato falho. Sobre essa dinâmica, leia-se: “a tendência perturbadora ‘foi represada’, diz Adorno (2018, p. 342) citando as *Conferências*, e “o orador decidiu não transpô-la na fala, e então comete o lapso, isto é, a tendência represada é transposta, contra sua vontade, em uma expressão, na medida em que ela modifica a expressão da intenção permitida por ele, mistura-se ou se põe imediatamente em seu lugar”.

A produção do ato falho, que valeria para as demais formações do inconsciente, se daria por meio de um conflito entre duas tendências atuantes no momento do falar, uma consciente, que será sancionada por outra, inconsciente. Tal estrutura, que deve ser levada em conta na “interpretação” do inconsciente, por outro lado, não seria possível sem que



entrasse em ação o represamento, ou seja, o recalque, sem o qual a tendência perturbadora não viria a suplantar a perturbada: “A repressão do propósito existente de fazer alguma coisa é a condição indispensável para que ocorra um lapso de fala”, mais uma vez Adorno (2018, p. 343) cita as *Conferências*. Mas o método não fica apenas aí, segundo a sua leitura, pois, porque o sentido oculto da tendência perturbadora não está de imediato dado, embora já tenha se tornado fenômeno, a psicanálise freudiana desenvolveu o método para a sua “decifração”, a saber, a associação livre.

O método de interpretação do inconsciente compreende, pois, duas tendências em jogo, consciente e inconsciente, e o recalque que exercerá efeito sobre uma das tendências, a inconsciente, que, logo, exerce pressão sobre a outra, suplantando-a. Esta trama, que ocorre no interior do psíquico, e irá traduzir-se, no caso examinado por Adorno, como lapso de fala, somente pode ser decifrada, em relação à da terapia, pela livre associação de ideias. Estaria assim estruturada uma maneira de pensar, a qual não difere da de Freud em quem o filósofo se apoia, que não apenas constitui as formações do inconsciente como, ainda, é o meio pelo qual o inconsciente viria a ser conhecido. Diz Adorno (2018, p. 345): “a forma de conhecimento do inconsciente é idêntica à forma do inconsciente em si”. Ou seja, para que se tenha a compreensão do que de inconsciente invadiu a cena consciente, é preciso levar em conta como ele se forma.

Pode-se dizer que Adorno recompõe em sentido transcendental a metapsicologia de Freud, embora recorra às *Conferências* e não ao texto metapsicológico de 1915, “O Inconsciente”. Por este motivo, por mais que nesta análise se encontre uma leitura filosófica da psicanálise, algo totalmente diferente ocorre para propósito semelhante. Se em vez de desenvolver uma análise transcendental, e visar um modelo geral aplicável a todos os fenômenos inconscientes dados à consciência, observar a dinâmica interna da trama psíquica, é possível chegar a melhor resultado para a filosofia no tocante à escória dos fenômenos ou aos elementos micrológicos da realidade.

3. O deslocamento como processo do inconsciente e a escória dos fenômenos

Uma coisa é dizer que o conhecimento do inconsciente se dá na observância do conflito entre uma tendência recalçada e outra consciente, a qual será perturbada por aquela, resultando num ato falho, num chiste, num sonho ou num sintoma; outra bem diferente será analisar, no texto metapsicológico de 1915, o circuito que engendra o Inconsciente e define, doravante, a trama das suas formações. Pensar a universalidade do



método psicanalítico, e, em certa medida, contribuir com a metapsicologia de Freud, é importante para a micrologia, mas, cabe perguntar se enveredar por outros conceitos ali implicados não traria mais elementos para se pensar o micrológico. Se conceitos como “condensação” e “deslocamento”, os dois dispositivos do processo primário inconsciente (FREUD, 2010, p. 127) ou os “mestres de obra” da configuração dos sonhos (FREUD, 2015, p. 331), trariam um melhor apoio à filosofia na lida com o micrológico.

A fim de compreender como os deslocamentos operam nas formações do inconsciente e, por conseguinte, no que aqui se tem denominado, com Freud, de escória dos fenômenos, convém explanar, antes, a estrutura da primeira tópica, conforme explicitada no texto metapsicológico de 1915, “O inconsciente”. De saída, a hipótese do inconsciente se sustenta na concepção dos *pensamentos latentes*, maneira como o psicanalista justifica o conceito, porquanto é a suspeita da existência desses pensamentos que podem estar presentes e ao mesmo tempo ausentarem-se da consciência sem que deles sequer haja vestígios⁷. Eis o que faz do inconsciente uma hipótese *necessária*, em virtude das lacunas existentes na consciência, a qual não domina todo o psíquico, apenas uma parte (FREUD, 2010, p. 102). Dela também diz ser *legítima*, pois a existência de algo não-consciente sugere uma alteridade interna que funcionaria no mesmo modelo da relação de uma consciência com outra consciência. Isto é, se algo faz parte do psíquico, mas não é inteiramente consciente, seria como se internamente a consciência lidasse com um outro a ela estranho⁸.

Em “Algumas observações sobre o inconsciente”, diz ele ser consciente a “ideia que se acha presente na consciência e da qual nos apercebemos” e reserva para as ideias

⁷ Semelhante argumento, encontra-se em *O eu e o id* de 1923, diz Freud (2011, p. 16): “uma ideia agora consciente não o é mais no instante seguinte, mas pode voltar a sê-lo em determinadas condições fáceis de se reproduzirem”. Mesma ideia defendida em artigo de 1912, três anos antes dos ensaios de metapsicologia, “Algumas observações sobre o inconsciente”, mas com alguns acréscimos. Ao estar presente num momento e desaparecer no seguinte, Freud (2010, p. 257) acrescenta que o retorno pode se dar “a partir de uma lembrança, não em consequência de uma nova percepção”.

⁸ Outro aspecto que justifica, para Freud, ocupar-se do inconsciente vincula-se à filosofia de Immanuel Kant. Freud (2010, p. 107), ao sugerir que os processos psíquicos são inconscientes, “compara sua percepção pela consciência à percepção do mundo externo pelos órgãos dos sentidos”. Assim, vale explorar os pensamentos latentes e o que eles designam em termos de percepção interna, e corrigir a ideia de que tudo que é percebido internamente é consciente. Ele compreende como parte da sua tarefa uma retificação da percepção interna, assim como Kant teria feito a retificação da percepção externa. Ou seja, Freud tem clareza quanto a sua descoberta, e, ao aproximar da empreitada kantiana, dá a entender que há todo um mundo a ser investigado na relação da consciência com a percepção interna, e que este mundo se constitui pelos esforços do inconsciente em tomar-se consciente, o que, pela mediação da censura, resulta em formações que, ante de Freud, passavam despercebidas ou delas não se queria saber.



latentes a designação de inconsciente, logo, que uma ideia inconsciente, embora não seja notada, pode ser admitida, a considerar provas e vestígios (FREUD, 2010, p. 258). No entanto, tem-se aí apenas um trabalho descritivo, que separa o que é consciente do que é inconsciente, conforme se lê em *O eu e o id*, de 1923, sobre o “estar consciente” como função apenas descritiva (FREUD, 2011, p. 16). O autor pretende ir além da descrição do que é consciente e inconsciente, o que o faz ao evocar que o fato de estar presente e logo em seguida ausente, a ideia inconsciente seria *capaz de consciência*, o que implicaria em considerar este movimento de uma condição para outra⁹.

A capacidade de consciência conduz a outro desenvolvimento, o qual consistirá em classificar dois tipos de pensamentos latentes e inconscientes: um que era *latente* e se tornava consciente ao obter força e outro que, apesar de forte, permanece longe da consciência – para os primeiros Freud reserva o termo *pré-consciente*, para os segundos, mantém o sentido de *inconsciente*. O inconsciente, neste sentido, “não designa apenas pensamentos latentes em geral, mas aqueles, em especial, que têm caráter dinâmico, ou seja, os que se conservam longe da consciência, apesar de sua insistência e eficácia” (FREUD, 2010, p. 261). Com isto, não somente será assegurada a existência do inconsciente, como também o desvincula do seu aspecto apenas descritivo, como não-consciente, por conseguinte, a ele confere certa atividade autônoma em relação à consciência. Há um inconsciente eficaz em produzir ações que se tornam conscientes, os pré-conscientes, e há o que produz ações cujas ideias mantêm-se distantes da consciência.

O importante, aqui, consiste em frisar que, embora a latência justifique a hipótese do inconsciente, ao avançar na exposição, descobre-se que em sendo o pensamento latente capaz de consciência, revela-se o movimento de deslocamento. Logo, um sentido dinâmico, o qual consistiria em estabelecer a passagem de um sistema a outro, sempre no esforço de ou permitir ou barrar o tornar-se consciente de uma representação. É isto o que

⁹ Quanto ao aspecto descritivo, vale ressaltar o experimento da hipnose, o qual tanto ratifica o ponto de vista descritivo como também outro que indica a produção de efeitos. Em estado hipnótico o médico ordena ao paciente que execute determinada ação, logo posta em prática. Ao despertar, mantém-se o impulso para realizar a mesma atividade (FREUD, 2010, p. 258), não porque durante a hipnose algo se registrou, mas porque a intenção estava presente de forma latente ou inconscientemente. Tal experimento permite a Freud avançar da concepção descritiva para uma dinâmica, e sugerir que a ideia não apenas é inconsciente como produz efeitos, ou seja, é eficaz para produzir uma ação. Nas suas palavras, a ideia foi “traduzida em ação, tão logo a consciência deu-se conta de sua presença” (2010, p. 259). Freud, em seguida, dirá que se a ideia produziu ação, algo permaneceu longe da consciência, a saber, a ordem do médico, ou a ideia da ordem. A ideia da ação foi executada, tornou-se consciente, mas a de ordem não, permanecendo fora da consciência. Abre-se, assim, para a possibilidade de pensar o inconsciente para além do meramente descritivo, da diferença inconsciente e consciente.



estaria implicado nas fases de um ato psíquico mediadas por um exame ou censura. “Na primeira fase ele [o ato] é inconsciente e pertence ao sistema *Ics*; se no exame ele é rejeitado pela censura, não consegue passar para a segunda fase; então ele é reprimido e tem que permanecer inconsciente”, dirá Freud (2010, p. 109-110), logo em seguida, concluindo que, “saindo-se bem no exame, porém, ele entra na segunda fase e participa do segundo sistema, a que denominamos sistema *Cs*”. O que permitiria este trânsito de um sistema para outro é a capacidade de consciência, a qual sugere que entre o *Ics* e o *Cs* haveria um terceiro sistema, o *P-cs*. Freud faz esta subdivisão a fim de situar o lugar da “censura”, pois, mesmo passando pelo exame, nada garante a chegada à consciência, podendo, antes, retornar.

O exame de que se trata é a “repressão”, que anima o trânsito entre as duas etapas do psíquico, e que sustenta a concepção de que inconsciente e consciente são mais que traços distintivos ou descritivos de estados psíquicos. Neste ponto, não apenas se ratifica a existência de dois inconscientes, o latente, ou o pré-consciente, descritivamente, e o reprimido, ou o inconsciente, este que está implicado na dinâmica psíquica.

Importante será, aqui, pontuar duas questões necessárias ao entendimento do inconsciente em Freud. O primeiro, como já indicado, é o conteúdo latente, ainda não reprimido; o segundo é o trabalho de transposição o qual envolve a repressão, quando o latente, ao tentar transpor o seu estado, submetido ao exame, torna-se reprimido. É neste contexto que não somente se estabelecerá a topologia psíquica, mas também registros diferentes para uma mesma ideia, que, da fixação no inconsciente, adquire nova fixação no consciente. Esta dinâmica, que Freud, de início, deixa em aberto, se esclarece com a retomada da dinâmica da repressão, bem como dos novos nexos e conexões que a ideia reprimida em face dela desenvolve. Isto se torna crucial para a compreensão do inconsciente, porque implica, ainda, os seus derivados ou efeitos possíveis, mas também o mecanismo psíquico do deslocamento.

Deste modo, o que não restou claro quanto ao trabalho do recalçamento no ensaio a este dedicado, a saber, “A repressão”, melhor se explicita em “O inconsciente”. Freud retoma a definição da repressão como “processo que se verifica em ideias na fronteira entre *Ics* e *P-Cs(Cs)*” (2010, p. 118-119), uma retirada de investimento, cuja origem precisa ser investigada, ou seja, em qual sistema se daria tal desinvestimento, isto porque a ideia permanece em ação, logo, investida. Mas aqui tudo se passa no âmbito da repressão secundária ou repressão propriamente dita. Quando se trata da repressão primordial, a



Urverdrängung, a coisa parece não funcionar, pois nela não se poderia falar de retirada de libido. Freud introduz o conceito de *contrainvestimento*, que seria o processo típico e único da *Urverdrängung*, mas que também se aplicaria ao processo secundário. Aqui, a hipótese funcional dos sistemas ganha maior relevância que a topológica. E se insere na trama a concepção econômica do inconsciente.

O contrainvestimento, quando se trata da repressão secundária, consistirá em que, se na ideia inconsciente, da qual se retira libido, o investimento permanece tentando migrar para o *P-Cs*, é necessário que este invista numa defesa, a qual somente poderá ser retirada desse primeiro movimento que a fixou, continuidade a qual compromete o trabalho da repressão. O contrainvestimento resolve o problema, porque já se dá na repressão primordial, uma vez que lá o instinto investido converte-se em representação, na “fixação” ou “inscrição”¹⁰. Ou seja, o instinto opera aí de forma a constituir um “representante substitutivo”, ainda não reprimido, a ideia inconsciente.

Nesses termos, o modo como o *P-Cs* se protege das novas investidas do *Ics* é por meio da “ideia substitutiva”, utilizando-se dos efeitos da *Urverdrängung*, de tal modo que o contrainvestimento será “o gesto permanente de uma repressão primordial, mas que também garante a permanência dela” (FREUD, 2010, p. 120), o que implica em acrescentar aos pontos de vista topológico e dinâmico, o econômico. Não haveria apenas o impedimento do acesso de uma ideia inconsciente ao consciente, também se daria aí a produção de uma ideia substituta, que seria mais palatável, mais aceitável, com a vantagem



¹⁰ O que aí se põe em questão é o sentido da *Urverdrängung*, como evento anterior à “repressão propriamente dita”, pois esta pressupõe a organização psíquica já consolidada. A *fixação*, ou a *inscrição*, no psíquico, que promoveria o posterior trabalho da repressão. Sobre o recalque originário, como primeira fase, à sua compreensão pode-se recorrer ao texto de Garcia-Roza, *Freud e o inconsciente*, onde o conceito se explicita como acontecimento primeiro e fundante da repressão, em seu sentido propriamente psíquico. Diz ele ser o objetivo da repressão é o representante ideativo da pulsão ou do instinto, mas a fixação é que se torna problemática. O autor recorre a outros dois textos, onde, segundo ele, Freud teria deixado mais claro o que pretende dizer sobre o recalque originário, a saber, as análises de Freud sobre o Schreber e o Homem dos lobos. No primeiro, a fixação será “o mecanismo segundo o qual a pulsão era inibida em seu desenvolvimento e permanecia fixada num estágio infantil, mantendo-se inconsciente” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 155). Mas inconsciente aqui ainda não é o recalcado, apenas se trata de uma experiência fora de qualquer representação. Em seguida, Garcia-Roza busca na análise do caso do homem dos lobos, outro caminho de esclarecimento do recalque originário, e lá observa dois momentos que o definem. Haveria uma cena presenciada, a qual no momento em que acontece, nada significa para o a criança, e somente depois terá um sentido traumático, pois aqui se daria a entrada na significação. Diz o autor: “na época em que a experiência se deu, ela não pôde se dotada de significação, o que não impediu que se fizesse sua inscrição no inconsciente. Essa inscrição é que vai ser objeto de reintegração em função do simbólico” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 159). E continua ele, a seguir: “é essa fixação ou inscrição que vai constituir o recalque originário e que vai tornar possível o recalque secundário” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 159), ou a repressão propriamente dita.

de garantir e manter o trabalho da repressão primordial, que está relacionada não a ideias e sim com o instinto. Leia-se: “a ideia substituta desempenha então para o sistema *Cs*(*P-Cs*) o papel de contrainvestimento, ao garanti-lo contra a emergência da ideia reprimida no *Cs*” (FREUD, 2010, p. 122). Deve-se aqui promover um outro trabalho que é o de evitar que a ideia substituta produza angústia. Daí a terceira fase, em que a ideia substituta funciona como contrainvestimento, a fim de afastar a ideia reprimida.

É nessa mobilidade que tem lugar o deslocamento, o qual aparece na explicação da relação entre a ideia reprimida e a substituta. Ou seja, ali onde se dá o contrainvestimento, este se torna possível em virtude do deslocamento de uma ideia para outra – modo como o *P-Cs* se protege das investidas do *ICs*, mas também como este se protege da ideia reprimida. Nesta última parte, entre as características do *Ics*, vê-se que as suas representações operam por meio de deslocamentos e condensações, duas formas de transformação das representações. Daí se poderia concluir que entre o *Ics* e o *P-Cs* as coisas se passam com os deslocamentos de uma ideia para outra ideia, da *Ics* para a reprimida, desta para a substituta. O deslocamento parece, assim, constituir o móbil principal da comunicação entre os sistemas, conforme se pode observar nos textos canônicos em matéria de inconsciente, os quais, embora escritos antes de 1915, poderiam ser considerados como “aplicações” à escória dos fenômenos da estrutura de conhecimento do inconsciente elaborada nos ensaios de metapsicologia. Um feito possível apenas se, em termos metodológicos, inverter a ordem do exame dos textos, e partir de 1915 para os anos de 1900, 1901 e 1905, quando foram empreendidos, respectivamente, a análise do sonho, do lapso e do chiste.

4. Considerações finais

Ao formular a pergunta pela atualidade da filosofia no instante de sua queda, noutras palavras, em face do fim da metafísica, e sugerir que a adesão ao micrológico ou ao meramente existente seria o lugar mais condizente para uma “filosofia do futuro”, Adorno reclama a aproximação com a psicanálise e o que Freud determina como terreno próprio da sua “invenção”, a saber, a escória do mundo dos fenômenos. Daí adviria um modo de análise dos eventos anódinos indignos da atenção científica ou filosófica, ou seja, Freud reabilita a dignidade científica dos fenômenos. O problema se coloca para o filósofo em termos da dificuldade de a filosofia, acostumada aos manejos e voos da metafísica, estabelecer formas de apreensão do minúsculo na realidade material.



Se a princípio, ele encontra na estrutura de conhecimento do inconsciente o caminho, a considerar a leitura das *Conferências* de Freud, torna-se plausível, ao nestas encontrar uma abordagem universal que se aplicaria a quaisquer das obras do inconsciente. No entanto, embora esta estrutura seja convincente e coincida com o que vem expresso no ensaio metapsicológico “O inconsciente”, e permita afirmar que o “meramente existente” condiz com o que Freud qualifica como refugio dos fenômenos, logo, que a psicanálise poderia contribuir para a filosofia no instante da sua queda, nela parece encoberto, talvez por não ser o propósito do filósofo, que entre a intenção perturbadora e a perturbada promove-se, por meio de distorções ou da repressão, fenômenos cujo sentido está encoberto e demanda um método especial para os decifrar.

É desse modo que, considerar, na intenção de pensar a escória dos fenômenos como o meramente existente, onde Adorno propõe acomodar a filosofia, o exame do ensaio de 1915 permite ir além do que foi recortado por Adorno das *Conferências*. Se Freud avança na concepção do inconsciente, compreendendo-o como, independente da consciência, produtor de efeitos, isto se dá na tensão entre os sistemas *Ics* e *P-Cs* – entre intenção inconsciente e intenção consciente – mas também entre os esforços ou de manutenção da *Urverdrängung*, a repressão primordial, ou de persistência da ideia inconsciente em tornar-se consciente, o que se torna possível por conta de deslocamentos e condensações, que Freud cola ao processo primário, logo ao inconsciente. É necessário ter em conta que entre o *Ics* e *P-cs(Cs)* não se trata apenas de transposição, o que significaria manter-se no âmbito do inconsciente descritivo, sobretudo está em jogo o que, devido à *Urverdrängung*, se produz nesse confronto, que da ideia reprimida derivam ideias substitutas, conforme o modelo do sonho, do lapso e do chiste.



Referências

ADORNO, Theodor. O conhecimento do inconsciente e o método psicanalítico. In.: _____. *Primeiros escritos filosóficos*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2018.

_____. A atualidade da filosofia. In.: _____. *Primeiros escritos filosóficos*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2018a.

_____. *Dialética negativa*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Actualidad de la filosofía*. Tradução José Luis Arantegui Tamayo. Barcelona: Paidós, 1991.

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antônio Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. *O rigem do drama trágico alemão*. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FEUERBACH, L. *Princípios da filosofia do futuro*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: 70, 1843.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FFYTCHÉ, Matt. *As origens do inconsciente: de Schelling a Freud: o nascimento da psique moderna*. Tradução de Cláudia Gerpe Duarte e Eduardo Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2014.

FREUD, Sigmund. *O eu e o id*. In.: _____. *Obras completas*, Vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, Reginaldo Oliveira. O inconsciente e a atualidade da filosofia em Sigmund Freud e Theodor Adorno. eK22006



_____. Os chistes e a sua relação com o inconsciente. In.: _____. *Obras completas*, Vol. 7. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. Conferências introdutórias à psicanálise. _____. *Obras completas*, Vol. 13. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *A interpretação dos sonhos*. Vol I. Tradução de Renato Zuick. Porto Alegre-RS: L&PM, 2015.

_____. *A interpretação dos sonhos*, Vol. II. Tradução de Renato Zuick Porto Alegre-RS: L&PM, 2015.

_____. Resumo da psicanálise. In. _____. *Obras completas*, Vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Contribuição à história do movimento psicanalítico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. O interesse da psicanálise. In. _____. *Obras completas*, Vol. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril cultural, 1979.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, In.: _____. *Escritos*. Tradução de Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PEREZ, Daniel Omar. *O inconsciente: onde mora o desejo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SILVA, Reginaldo Oliveira. O inconsciente e a atualidade da filosofia em Sigmund Freud e Theodor Adorno. eK22006



QUINET, Antonio. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Sigmund Freud na sua época e no seu tempo*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SILVA, R. O; LUCENA, L.P. Origem e deslocamentos do inconsciente em Sigmund Freud. *Polymatheia - Revista de Filosofia*. Fortaleza, v. 12, n. 21, p. 70-89, 2019.



SILVA, Reginaldo Oliveira. O inconsciente e a atualidade da filosofia em Sigmund Freud e Theodor Adorno. **Kalagatos**, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22006, p. 1-19.

Recebido: 01/2022
Aprovado: 02/2022

